

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Solange Angela Dias dos Santos

Encantos e desencantos no exercício da docência

Belo Horizonte

2015

Solange Angela Dias dos Santos

Encantos e desencantos no exercício da docência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens na Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Libéria Rodrigues Neves

Belo Horizonte

2015

Solange Angela Dias dos Santos

Encantos e desencantos no exercício da docência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Especialista em Múltiplas Linguagens na Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Libéria Rodrigues Neves

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Libéria Rodrigues Neves (orientadora) – Faculdade de Educação da UFMG

André Soares da Cunha – Faculdade de Educação da UFMG

AGRADECIMENTO

Gostaria aqui de deixar um singelo agradecimento às pessoas que me ensinaram. Como são valorosas! E o resultado do seu árduo trabalho se faz ver em mim, alguém que reconhece o valor que tem um professor que caminha com seu aluno e ensina-lhe a ser humano. Serei eternamente grata ao que fizeram por mim, pois sei que esta não é uma tarefa fácil, porém é essencial na vida de cada um de nós. É este o objetivo do meu trabalho: dizer que você, professor, tem valor, um valor inestimável, e que seu trabalho permanece para sempre. Os encantos e desencantos no exercício da docência passam, mas o trabalho jamais. O ofício é de grande valor em qualquer tempo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo buscar compreender como o professor avalia a sua atuação no exercício da docência – seus encantos e desencantos. Para tal, elegeu-se um grupo de educadoras com elevado tempo de trabalho na educação, com um percurso que envolve vários níveis de ensino e cargos na escola e, por opção, concluirão a carreira na Educação Infantil.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e também quantitativa, realizada a partir da aplicação de dois questionários para o mesmo grupo de professores. Foram levantados elementos que consistem nas possibilidades do ensinar para a criança e na impossibilidade de se reconhecer reconhecido; os quais nos remetem à dicotomia profissão docente e condição docente.

Palavras - chave: Educação Infantil, Docência, Encantos, Desencantos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Relato de uma Protagonista.....	3
2. MAL ESTAR DOCENTE NA CONTEMPORANEIDADE.....	7
3. PLANO DE AÇÃO.....	11
3.1. Questionário I.....	13
3.2. Questionário II.....	19
4. PROFISSÃO DOCENTE X CONDIÇÃO DOCENTE.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
6. REFERÊNCIAS.....	27

INTRODUÇÃO

A questão do exercício da docência na atualidade nos leva a ponderar sobre os diversos fatores que compõem a atuação deste profissional da educação. O professor é um dos atores no processo e o resultado do seu trabalho depende do outro. É uma profissão que está em baixa no mercado de trabalho e, sendo assim, não é uma profissão que as pessoas consideram rentável e valorizada pela sociedade. Os resultados são alcançados a longo prazo e a jornada de trabalho é extensa para obter no final um salário razoável.

O professor pode atuar em escolas particulares e escolas públicas, cenários que apresentam pouca diferença uma vez que o Brasil, país emergente no cenário mundial, ainda não apresenta políticas que de fato apontam a valorização da educação do seu povo e nem tampouco os profissionais da área.

Os reflexos das mudanças sociais, dos parâmetros pouco definidos, mudanças na estrutura familiar, mudanças nos ideais refletem na escola, constituindo um desafio para seus profissionais. E nesta labuta, muitos professores adoecem, perdem o interesse pelo exercício do ofício ou deixam a profissão.

Enquanto pesquisadora, escolhi este tema, porque ele tem ligação direta comigo. Sou uma profissional que passei pelos vários níveis de atuação, escolas públicas e particulares, ocupei vários cargos administrativos e pedagógicos e optei por estar hoje na Educação Infantil, apesar de receber baixíssimo salário.

Para esta pesquisa, busquei professoras que apresentavam o mesmo perfil e histórico profissional e percebi que esses não são poucos. A pesquisa se deu na Escola Municipal Francisco Azevedo e o grupo pesquisado compõe-se de 15 professoras que responderam a dois questionários.

No primeiro capítulo, de modo ilustrativo, iniciei com o “relato de uma protagonista”, que nesse caso sou eu. Relato a minha trajetória na carreira da educação e como percebo o exercício da docência. Este é o meu ponto de partida.

A construção deste memorial me fez refletir sobre a importância do tema, pois temos acesso a vários estudos que enfocam alunos e métodos de aprendizagem, mas bem menos estudos que considerem o exercício da docência.

No segundo capítulo, refiro-me ao mal-estar da docência na contemporaneidade, destacando a Síndrome de Burnout e alguns dos principais problemas enfrentados pelo profissional da educação ao entrar pelos muros de uma escola; aspectos que têm causado adoecimento aos professores na atualidade.

No terceiro capítulo, descrevo um plano de ação que compreende uma pesquisa qualitativa/quantitativa, utilizando dois questionários aplicados no mesmo grupo de professores de uma mesma escola, situada na regional Nordeste de BH. Todas as professoras convidadas aceitaram responder a primeiro e, posteriormente, ao segundo questionário, o que me leva a crer que querem falar, querem que suas vozes sejam ouvidas. E talvez este trabalho consiga dizer do que elas querem que seja dito.

Além disso, os questionários continham o objetivo de compreender por que a maioria destas professoras atuavam na educação infantil, uma vez que eram concursadas para o ensino fundamental. O que levou estas profissionais a fazerem opção pela educação infantil em 1999, quando a escola deixou de atender a clientela do ensino fundamental e passou a atender somente o público da educação infantil.

No quarto capítulo intitulado: Profissão docente X condição docente, faço um relato do que é ser professor e a condição de trabalho que este profissional tem. O foco de um bom profissional é realizar a aprendizagem efetiva em seus alunos, mas os obstáculos e desafios são muitos. Como o professor é um dos sujeitos do processo ensino\ aprendizagem e é quem efetivamente relaciona todo o tempo com seu aluno, se sente o detentor de maior responsabilidade. Responsabilidade esta que esbarra nas políticas de educação pública, na velocidade das transformações dos valores na sociedade moderna, na falta de apoio das famílias, na negligência dispensada a algumas crianças, no desrespeito que se tem nos dias atuais pelo professor, nos baixos salários, nas jornadas extensivas de trabalho para conseguir pagar suas contas no final do mês e tantos outros problemas enumerados pelo grupo pesquisado

No quinto capítulo, relato as considerações finais a partir do que o grupo me mostrou no decorrer do processo. Meu anseio é ter correspondido à credibilidade que estas professoras me depositaram ao tentar ser a voz delas registrada numa pesquisa acadêmica. Uma breve análise do que um professor tem enfrentado em

seu trabalho dentro dos muros de uma escola da rede municipal de ensino. Este enfrentamento encanta na realização da função e desencanta na desvalorização do profissional que deseja realizar sua função.

1.1 Relato de uma protagonista

Meu nome é Solange, sou professora de educação infantil da rede municipal de ensino de BH e atualmente trabalho no turno da manhã com turma de alunos de três anos de idade na Escola Municipal Francisco Azevedo. Vou relatar a minha trajetória, desde a época que ingressei na Universidade, com o objetivo de exemplificar o percurso do profissional de educação no decorrer dos anos vividos em sua prática.

Em 1979, ingressei na Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, através do vestibular. Graduei-me em Pedagogia e, já na graduação, a questão da educação brasileira, os debates, seminários, estudos e pesquisas muito me inquietavam; e meus professores sempre diziam que não teríamos respostas prontas para os nossos questionamentos, mas que através das críticas, das pesquisas e da própria vivência, é que encontraríamos respostas.

Nesta data, o Brasil estava sob o regime militar, numa fase de transição, e o presidente era o general João Baptista de Oliveira Figueiredo. Esse regime foi implantado após a revolução de 1964 e todos nós brasileiro ansiávamos por mudanças. O general Figueiredo presidiu o país de 1979 a 1985, quando terminou o regime.

Nas Universidades, os debates políticos giravam em torno da anistia e das “diretas já”, pois a anistia beneficiaria os presos políticos e os exilados. Com as eleições diretas para presidente, transformar-se-ia o Brasil em um país democrático.

Sair de um regime militar autoritário e passar para um regime democrático era tudo o que queríamos e felizmente isso aconteceu; hoje somos cidadãos de um país democrático. Houve muitas mudanças políticas no Brasil, mas, e a educação do povo? E o valor devido aos profissionais da educação? Quais foram os avanços nessa área tão carente e tão importante para o Brasil e os brasileiros?

Cursei a faculdade até 1980 e me casei no final do ano com Rafael e fomos morar em Mairi, na Bahia, pois ele havia passado no concurso do Banco do Brasil

em Belo Horizonte, mas, como não havia vagas, o banco deu a opção de retorno em até 2 anos para Belo Horizonte.

Assim tranquei minha matrícula na Faculdade de Educação e fomos começar nossa vida conjugal em outro estado. Realmente ficamos em Mairi um ano e meio e depois viemos adidos para Coronel Fabriciano e, após um ano, viemos para Belo Horizonte.

Quando chegamos em Mairi, fomos convidados para dar aulas no Centro Educacional Cenequista Mairi. Eu dava aulas à tarde e à noite de Biologia e Português; e Rafael também dava aulas à noite de Matemática, pois seu curso era de Administração e Contábeis e a escola contava com a carência de professores habilitados. As turmas eram sempre cheias e eles nos chamavam de mineiros – povo tranquilo e de fala mansa na concepção deles. Tanto eu quanto Rafael dávamos aulas tanto para o ensino fundamental quanto para o ensino médio.

Eram alunos jovens e adultos muito exigentes, pois queriam um ensino que os preparasse para a vida e não mera transmissão de conteúdos. Eu ouvi primeiro sobre o que eles queriam aprender em Biologia e depois traçamos um plano de curso. Tive que pesquisar muito sobre doenças sexualmente transmissíveis, sexo e suas diversas formas, fecundação, métodos anticoncepcionais, namoro, casamento, aborto e minha sala vivia sempre cheia, pois eles só faltavam em casos extremos. Muitas foram às vezes em que fui a última professora a sair da escola e isso me deixava com a sensação do dever cumprido – ensinei e aprendi.

No final do ano fomos padrinhos de formatura deles e, como prêmio, um político da cidade nos deu a viagem de uma semana a Fortaleza com transporte, hospedagem e alimentação inclusos. Foi muito gratificante passar uma semana com meus queridos alunos na praia, aproveitando aquele sol lindo e aquele lugar maravilhoso.

Éramos convidados para as festas deles. Eu me lembro que eu tinha um aluno chamado Antônio Carlos, que era gêmeo, e o costume da sua família era no aniversário deles fazer uma comida com quiabo, azeite de dendê, vatapá e servir à vontade para os convidados. Confesso que foi duro pra mim comer aquele quiabo babando, mas a felicidade dele me deu coragem e agradeci por conhecer mais um prato tipicamente baiano.

Conheci vários sabores: munguzá, vatapá, buchada de bode, cuscuz, sarapatel e passei a gostar muito de frutas como pinha, úmbu, cajá, araçá, melancia, melão. Eles perceberam que eu gostava muito de pinha e, como em seus quintais tinha pés da fruta, a cada dia um aluno me levava uma sacola de pinha. Como eram doces e gostosas!

Eu gostei muito do povo baiano, pois os considero alegres, amáveis e amigos. Foi um tempo de muita novidade, amizades, conhecimento e alegria em ensinar. Minha primeira filha, Rafaela, nasceu no dia 02 de agosto de 1981 em Mairi – Bahia.

Voltamos para Minas Gerais com uma bela imagem dos nossos amigos de caminhada, que nos fizeram sentir em casa, embora estivéssemos longe de nossa família. Hoje tudo isso é só uma lembrança, mas uma saudade também desse tempo que não volta mais.

A minha segunda filha, Raquel, nasceu em Belo Horizonte no dia 11 de Julho de 1982. Com dois bebês ficou difícil continuar dando aulas.

Em 1983, voltamos para Belo Horizonte e retornei à Universidade, onde fui monitora do DMTE da Faculdade de Educação (FAE-UFMG). Trabalhei também em um projeto de pesquisa de doutorado da professora Mirene, onde eu ia às escolas noturnas de magistério e observava as aulas de fundamentos I e fundamentos II da educação. A professora Mirene distribuiu um material destas disciplinas, uma apostila de cada fundamento e eu anotava a aula do professor e as interferências feitas pelas alunas; e entregava esse material para a professora pesquisadora.

Trabalhava também fazendo transcrição de fitas de pesquisas e organizando seminários e eventos do DMTE; organizava também seminários juntamente com a professora Lanna, Márcia e outros professores do DMTE.

O tempo de convivência nesse departamento foi muito bom, pois aprendi e colaborei. Eu gostava muito da rotina acadêmica, mas vieram mais 2 filhos, o Rodrigo e o Ricardo, e mais uma vez me voltei para o meu lado materno e fui cuidar agora de 4 filhos. Como já havia colado grau, nesse momento encerrei por um tempo a minha prática.

Em 1987 me ingressei na rede estadual como supervisora da Escola Estadual Manoel Soares do Couto, na região de Venda Nova, em BH. A minha jornada no Estado era só de um turno, mas, como supervisora, era responsável pela organização de toda a escola. Realizava serviços desde receber alunos no portão,

verificando uniforme e caderneta, até olhar recreio, atender alunos, pais e professores, e fazer reuniões pedagógicas com os professores, além de reuniões de pais e professores.

Em 1990, fui convidada a fazer parte de uma equipe de implantação da escola cristã da Igreja Batista da Floresta. Iniciei como supervisora, fiz o processo de legalização da escola e assim iniciamos com uma turma de 3 anos, 4 anos, 5 anos e 6 anos. Na época denominávamos maternal, 1^a, 2^a e 3^a períodos. Trabalhei nesta escola durante três anos.

Depois implantei o pré-escolar, o Cordeirinho, em Pirapora-MG e ajudei a escola infantil de Venda Nova da Igreja Congregacional que estava iniciando suas atividades.

Fui supervisora no Colégio Batista Getsêmani em 1997, nos dois horários, e à noite era supervisora no Estado, na Escola Estadual Geraldina Ana Gomes, cumprindo assim uma jornada de 3 horários (saía de casa 6 horas e 50 minutos e retornava 23 horas e 30 minutos.).

Em 1999 fui convidada para ser diretora pedagógica e implantar o ensino médio e profissionalizante técnico em informática no Colégio Batista Getsêmani. Mais uma vez mergulhei no trabalho e fiz o regimento escolar, a proposta pedagógica, as grades curriculares separadas, pois de acordo com a LDB de 1996, o ensino médio era obrigatório e o profissionalizante opcional, e ainda podia ser feito juntamente com o ensino médio. Foi muito trabalhoso todo o processo, mas consegui e saiu a autorização de funcionamento bem como a portaria.

Eu gerenciava conflitos de alunos, professores, pais, funcionários desde quando pisava no portão até quando saía. Cumpria uma jornada de 8 horas diárias, realizava reuniões com professores, pais, fazia conselho de classe, folha de pagamento para enviar ao contador e assinava todos os documentos da escola. Fiquei nesta escola até 2003, e continuei no Estado até 2006. No dia 16 de julho de 2004, morreu meu amigo e companheiro Rafael, um idealista carismático; e eu fiquei viúva com os pés bem no chão, pois teria que continuar a caminhada.

Em 2007 ingressei na rede municipal de ensino na educação infantil onde estou até hoje. Nesses anos todos de atuação, aprendi que somos profissionais, mas que somos humanos e que essa lida com o outro nos envolve a ponto de sonharmos com o melhor e às vezes recebermos o pior. Porém continuamos

acreditando, pois o nosso trabalho é pautado em crer que a semente vai germinar e os frutos bons virão, assim como os maus também; afinal o sol nasce para os bons e para os ruins.

É nesse mundo que estamos e que, ao terminarmos tudo isso, possamos acreditar que fizemos o que estava ao nosso alcance e que algo de bom ficou tanto para nós quanto para o outro.

2. MAL-ESTAR DOCENTE NA CONTEMPORANEIDADE

A expressão “condição docente” é útil para denominar um “estado” do processo de construção social do ofício docente – essa expressão foi utilizada como título do livro de Fanfani (2005) que apresenta um comparativo sobre docentes da América do Sul.

O professor é um dos atores do processo ensino-aprendizagem e seu ofício é exercido com o envolvimento e atenção dos alunos, que são outros atores no mesmo processo. Ambos são seres humanos, seres em formação realizando a troca entre o ensinar e o aprender em todo o tempo, se construindo a cada momento.

Lê-se que melhor enfatizar; mesmo a nível do senso comum, a primeira olhada nos arrasta até a constatação de que a educação não tem um lugar, ocupa todos os lugares, não tem início ou um fim, acompanha todos os momentos da vida, não tem *lócus* no sujeito, se espalha por todos os sentidos, todos os gestos, todas as crenças e intenções. Não tem um autor, é obra de todos com quem cada um de nós se encontra e também de quem sequer conhecemos. A educação é onipresente e onisciente. (CODO, 1999 p.39)

A educação realizada na escola é um trabalho e como tal tem suas normas, seu regimento, sua proposta pedagógica, sua grade curricular, tem uma autorização de funcionamento expedida pelo órgão público competente e um responsável administrativo e pedagógico.

Quando a escola é privada, como empresa, visa também o lucro; e quando é pública atende aos interesses da comunidade na qual está inserida. Neste contexto, a educação é um trabalho com profissionais remunerados, sindicalizados, com direitos e obrigações como qualquer trabalhador inserido no mercado de trabalho. É

uma tarefa objetiva, finita, mensurável, que acontece na sala de aula num tempo determinado e conta com um sistema de avaliação.

Fanfani (1999) destaca que a condição docente tem uma longa história que ainda pesa nas coisas e nas consciências. É de particular interesse desse autor, analisar, a partir de uma perspectiva histórica e relacional, o conjunto de atores, interesses, relações de força e estratégias que se desdobram nessa luta permanente pela definição e construção social do ofício.

Tal luta se desenvolve num novo contexto onde intervêm atores coletivos (sindicatos docentes, especialistas, altos funcionários e responsáveis políticos do Ministério de Educação, etc) que lutam pelo controle do trabalho docente (FANFANI, 1999).

Para o educador, o produto é o outro, os meios de trabalho são ele mesmo, o processo de trabalho se inicia e se completa em uma relação estritamente social, permeada e carregada da História. Uma relação direta e imediata com o outro é necessariamente permeada por afeto. (CODO, 1999, p.47)

O professor é contratado para dar aulas, saber o conteúdo e ensinar. Ele é aquele que apresenta o saber ao aluno. Exercer o ofício de docente nos dias atuais tem se tornado muito difícil, pois há uma transformação visível nos valores que orientam a sociedade, os quais destituem o professor do seu lugar distinto, essencial à aprendizagem.

Desse modo, este ofício não está atualmente entre as profissões escolhidas pela geração de jovens brasileiros. Uma vez que o papel social do docente não é respeitado, poucos almejam serem professores.

A condição docente atual leva o professor a trabalhar até por três turnos para garantir um salário digno; fato que eleva o índice de cansaço deste profissional, pois para exercer bem a profissão é necessária uma qualidade na divisão do tempo, que possibilite saúde e bem-estar.

No intuito de ilustrar questões da docência na atualidade, relato aqui o depoimento de uma professora que atualmente exerce o cargo de direção escolar em Santa Luzia-MG. Segundo a diretora, a violência está presente na escola e a maior violência hoje consiste na interferência dos traficantes, que utilizam os menores para vender droga nas escolas; fato atrelado à falta de participação da família na vida escolar do aluno. Na escola a qual dirige, existe um projeto que se chama “não dá nada pra mim”, o qual pretende levar aos alunos a uma reflexão: Não

dá nada pra mim, sou menor de idade. Só que o indivíduo não vai ser menor a vida toda e toda ação leva a uma consequência.

Parece que estamos diante de um sintoma escolar contemporâneo. Lacan, de acordo com Quinet, (2003, p. 23), considera que o sintoma “é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito”.

Ao escutar esta diretora percebe-se que ela lamenta pela situação; mas não tem como resolver, apostando na possibilidade de intervenção por meio de projetos institucionais. Ela destacou ainda o desânimo dos professores em relação à situação.

Em todas as campanhas políticas que presenciei, desde o movimento intitulado “DIRETAS JÁ”, os políticos brasileiros levantam a bandeira de uma educação mais justa e igualitária. É notório que de lá pra cá muita coisa mudou em relação à educação no Brasil, porém ainda há muito que avançar. O que se tem presenciado hoje na educação pública é a queixa de um paternalismo generalizado. Refere-se ao assistencialismo exagerado, onde a família ganha uniforme, kit escolar, merenda e, por vezes, ações que superenfatizam os direitos da criança, negligenciando seus deveres na escola.

Diante desse quadro, algumas estratégias são criadas para se controlar os efeitos colaterais, mas, nem sempre, as políticas garantem a continuidade das ações.

Para ilustrar essa afirmação, descrevo um episódio vivido numa escola pública estadual em Belo Horizonte, onde atuava como orientadora. Uma escola de ensino médio localizada numa região considerada vulnerável, pois em seu entorno havia um aglomerado de favelas onde inevitavelmente habitava o tráfico de drogas.

Esta escola entrou no Projeto intitulado: “ESCOLA VIVA, COMUNIDADE ATIVA”, da Secretaria Estadual de Educação de MG. Nesse momento eu era a coordenadora deste projeto na escola. Tivemos cursos oferecidos pela Secretaria e construímos um projeto que se adequaria à realidade da nossa escola.

Nesta época, as escolas estavam sendo invadidas nos finais de semana e, na nossa escola, não foi diferente. Foram levados computadores, merenda escolar, quebraram vidros das janelas e arrombaram portas. No intuito de enfrentar essa situação, com o apoio da Secretaria, num sábado pela manhã, reunimos toda a comunidade escolar e implantamos o projeto. Este consistia basicamente na oferta

de oficinas para a comunidade, aos sábados, além de abrir a escola nos finais de semana, pois se acreditava que se a comunidade percebesse que a escola era seu patrimônio, passaria a cuidar e não subtrair como estava ocorrendo.

As quadras ficariam disponibilizadas nos finais de semana para a prática de esportes, que seria também uma opção de lazer para a comunidade carente de espaços para tal. E para isso, a cada final de semana, um professor ficava responsável por abrir e fechar a escola.

Enquanto durou, o projeto deu certo no sentido da escola não ser mais invadida. E a comunidade pareceu ter gostado de ter participado das decisões do projeto; uma conquista que permitiu o reconhecimento da escola como patrimônio. Mas logo em seguida a verba do governo acabou e, embora os problemas tenham sido solucionados, como o governo muda de 4 em 4 anos, mudam também as políticas. Este projeto, como tantos outros, findou – se, embora tenha sido explorado em campanhas eleitorais devido às suas ações bem sucedidas.

Acredito que nossos representantes políticos têm que ter um olhar de sequência nos projetos pedagógicos que deram certo e entender que o resultado em educação é colhido por ações de longo prazo. Desse modo, requer-se paciência para colher os frutos, pois enquanto houver imediatismo para se colher resultados correremos o risco de investir no vazio.

Obviamente, diante de casos como este, o docente perde a energia de ensinar, o que hoje vem sendo identificado como pertencente ao campo da Síndrome de Burnout.

“Burnout (esgotamento profissional) é definido como uma síndrome psicológica decorrente da tensão emocional crônica no trabalho. Trata-se de uma experiência subjetiva interna que gera sentimentos e atitudes negativas no relacionamento do indivíduo com o seu trabalho (insatisfação, desgaste, perda do comprometimento), minando o seu desempenho profissional e trazendo consequências indesejáveis para a organização (absenteísmo, abandono do emprego, baixa produtividade). O Burnout é caracterizado pelas dimensões: exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização pessoal.” (TAMAYO; TRÓCCOLI, 2002, p.7¹)

A Síndrome de Bournout também é definida por Maslach e Jackson (1981) “como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e

¹ <http://www.contioutra.com/sindrome-de-burnout-um-artigo-que-faz-diferenca/>

excessivo com os outros seres humanos, particularmente quando estes estão preocupados com os problemas”.

Foi Fregenbauer (1974) quem aplicou o termo Burnout no sentido que usamos hoje. Foi quando o homem que se deitou a seu divã não se mostrava atormentado com seus mistérios sexuais, como as histéricas de Freud; trazia uma energia enorme e derrotada, perdera a possibilidade de ação, sucumbia impotente. Quiçá, pensava Fregenbauer, vítima de sua onipotência. (CODO; MENEZES,1999, p. 239)

Como reagir às políticas educacionais impostas? Como reagir aos problemas relacionados à violência, em especial aos relacionados ao tráfico de drogas que estão adentrando os muros da escola? Não são problemas demais para um professor administrar em sala de aula? Não será o momento da sociedade se mobilizar e discutir o ser docente, o exercer da docência e a função da escola no mundo atual?

Foi a partir destas questões que o presente trabalho surgiu. No intuito de se conhecer a relação com a profissão docente, bem como com a condição docente atual, decidiu-se por colher o depoimento de professoras que apresentam longo percurso na carreira, as quais, apesar de histórico no ensino fundamental, encontram-se hoje atuando na educação infantil.

3. UM PLANO DE AÇÃO

A seguir será descrito um trabalho que visou desenvolver uma pesquisa de campo a partir de uma metodologia organizada para coleta de dados.

De acordo com Barreto e Honorato (1998), a metodologia de pesquisa deve ser entendida como o conjunto detalhado e sequencial de métodos e técnicas científicas a serem executados ao longo da pesquisa, para que se atinja os objetivos propostos inicialmente. Tem que haver uma neutralidade por parte do pesquisador e um levantamento de dados, que é o ponto inicial da pesquisa. Esse levantamento deve ocorrer através de pesquisas bibliográficas que, segundo Gil (2012), são desenvolvidas, com base em material já elaborado, constituído, principalmente de livros e artigos científicos. Quando o pesquisador busca esse referencial já está embutida a escolha da pesquisa. Por exemplo: quando uso uma autora e sua

definição sobre o exercício da docência, escolho um ponto de vista sobre o assunto. Surgem observações de fatos ou fenômenos e contatos com pessoas que possam fornecer dados ou sugerir possíveis fontes de informações úteis.

Existem dois tipos de métodos adequados para cada tipo de objeto de estudo: os métodos quantitativos supõem uma população de objetos de observação comparável entre si e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser. (HAGUETTE, 2003, p. 63)

A pesquisa quantitativa expõe aos pesquisados a opinião do pesquisador, através das alternativas de respostas, traduzindo, em números, opiniões e informações, classificando-as e analisando. Já na qualitativa, há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ela é subjetiva e a subjetividade não pode ser traduzida em números. Conforme Minayo (1994), as pesquisas qualitativas na Sociologia trabalham com significados, motivações, valores e crenças e não podem ser simplesmente reduzidos às questões quantitativas, pois respondem a noções muito particulares, diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados.

Assim, a presente pesquisa, pode ser compreendida como quantitativa e qualitativa, pois utiliza de um instrumento objetivo – o questionário, que buscou objetividade na coleta de algumas respostas, mas também buscou a especificidade do discurso do pesquisado em outras.

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc. (GIL, 2012, p.121)

Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. E as respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada. Segundo Gil (2012), a construção de um questionário precisa ser reconhecida como um procedimento técnico cuja elaboração requer uma série de cuidados.

Foram aplicados dois questionários em um grupo 15 professoras da Escola Municipal Francisco Azevedo. Aplicou-se um segundo questionário no mesmo grupo

com o objetivo de colher o maior número de informações possíveis para realizar uma pesquisa com dados suficientes para se tratar do tema em questão: Encantos e desencantos no exercício da docência

No primeiro questionário foram levantadas questões acerca do grau de satisfação ou insatisfação do docente no exercício da profissão. No segundo, foram realizadas perguntas mais direcionadas para se concluir a pesquisa, de modo que este segundo questionário enriqueceu o material do primeiro e assim, a pesquisa ficou mais completa.

Cabe destacar o detalhe de todas as professoras convidadas a responder ao primeiro questionário aceitaram de pronto; como também aceitaram responder também ao segundo. Fato que nos remete a pensar que estão dispostas a contribuir na discussão sobre o tema.

3.1 Questionário I

Para a presente pesquisa, foram eleitas 15 professoras da educação infantil da Escola Municipal Francisco Azevedo. A escolha por esta escola seguiu apenas critérios práticos², uma vez que o tempo para o levantamento de dados era pequeno. Nesse sentido, a escolha foi assertiva uma vez que todas as professoras convidadas preencheram e devolveram o questionário.

O questionário foi elaborado a partir de seis perguntas pertinentes ao tema da pesquisa, as quais visavam colher elementos que apresentavam o grau de satisfação/insatisfação do docente no exercício da profissão.

O local utilizado para que as professoras respondessem ao questionário foi a biblioteca da escola, pois é um local tranquilo e sem interferências externas. Foi reservado com a bibliotecária, uma parte da manhã e da tarde para que as professoras dos dois turnos, pudessem responder aos questionários.

O grupo selecionado constituiu de 15 profissionais com o tempo de atuação entre 10 a 38 anos na docência. O grupo foi escolhido em função de se tratar de professores, na sua maioria, de ensino fundamental; as quais fizeram opção pela Educação Infantil. São professoras com curso superior, algumas com pós-graduação.

² A autora da pesquisa se encontrava trabalhando nesta escola durante o período da pesquisa.

Com relação às perguntas, a primeira foi formulada para saber o tempo de atuação do profissional, pois a partir daí recolhia-se elementos que confirmavam o perfil citado acima. A segunda pergunta objetivou segmentar o perfil selecionado. A terceira referiu-se ao tema central da pesquisa, que consiste em conhecer o nível de satisfação/insatisfação do profissional. A quarta objetivou compreender o porquê das professoras se encontrarem lecionando na educação infantil após longo percurso de carreira. Na penúltima pergunta objetivou-se levantar as decepções presentes no exercício da docência. E a sexta e última oferece espaço para que a profissional manifeste sua relação com o sistema educacional. Seguem as perguntas:

- 1 – Há quanto tempo você atua em escola?
- 2 - Quais as etapas da educação básica que você já trabalhou?
() Ensino infantil () Ensino fundamental () Ensino médio
- 3 – Você se considera uma profissional realizada, justifique sua resposta?
- 4 – Se você já atuou em mais de uma das 3 etapas da educação básica, em qual se sentiu mais realizada? Justifique sua resposta.
- 5 – Em sua opinião, qual são os principais problemas enfrentados em sua trajetória profissional?
- 6 - Se você pudesse mudar o sistema educacional, o que mudaria?

Seguem as respostas obtidas a partir do primeiro questionário:

Tempo de atuação: varia de 10 a 31 anos.

Etapas da educação básica percorridas: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio.

Realização profissional: nem sempre; sim, pois sempre gostei de trabalhar com criança pequena e ver sua evolução; gosto de ensinar, mas a profissão não é valorizada; realização na profissão, mas salário baixo; em parte, pois falta melhor salário e a aceitação do Veredas³ como curso superior pela PBH; o poder público não valoriza os professores; acredito ter contribuído para o social; quero reconhecimento monetário e social pelo meu trabalho, reflexão da prática; transmito respeito e carinho pelos alunos e seus familiares; amo o que faço, procuro estudar, atualizar, ampliar meus conhecimentos; alfabetizar é a minha paixão.

³ Formação Superior de Professores. O curso é destinado a professores em exercício nos anos iniciais do ensino fundamental e na educação infantil de escolas públicas de Minas Gerais. Ocorreu no ano de 2007, na Faculdade de Educação-UFMG.

Etapas da educação básica, em qual se sentiu mais realizada: em sua maioria, as professoras responderam ser a etapa da educação infantil – pois é a idade que começamos a formar o ser humano; é o início do processo educacional; porque os pequenos são puros de coração, gosto da criança na primeira infância; interesse da criança em aprender e da família em acompanhar; a alegria das crianças e a vontade de aprender delas me estimula; idade que respeita o professor; gosta de brincar, cantar, fazer teatro, contar histórias; por ser o início do processo de construção do ser humano; desempenho dos alunos na alfabetização.

Uma professora respondeu “em todos os níveis, mas a educação infantil é a preferida”. Outra professora respondeu “no curso de magistério e como tutora a faculdade de Pedagogia”. E ainda outra respondeu “no ensino fundamental, pois tenho uma experiência maior com este nível”.

Problemas enfrentados na trajetória profissional: falta de parceria com a família; desvalorização profissional; baixos salários; desestrutura social; disciplina, falta de apoio familiar; desgaste físico e emocional; desvalorização do magistério; extensão de jornada, burocracia, excesso de trabalho; descaso com o profissional; problemas fora dos muros da escola; falta de ética; crianças que sofreram abuso sexual, crianças abandonadas; tempo e dedicação, políticas educacionais e falta de interesse dos alunos.

O que mudariam no sistema educacional: divisão de responsabilidades – família, escola e aluno; valorização da educação infantil e mudaria o assistencialismo exagerado; melhora dos salários e da qualidade de vida e saúde dos professores; aumentaria o número de vagas nas escolas infantis; valorização do professor; autonomia das escolas quanto à disciplina dos alunos; democracia, condição melhor para evitar adoecimento, consciência ética; melhoria das condições de trabalho do professor; respeitaria as demandas sociais na organização da escola.

Seguem algumas análises possíveis a partir do questionário:

A pergunta número 1, sobre o tempo de atuação do profissional na escola, recolhe professoras com 10 a 31 anos de exercício do ofício. O tempo de contribuição para que o professor se aposente é de 25 anos de efetivo exercício e, neste grupo específico, há professoras com quantidade de tempo para já estarem aposentadas, se aposentarem ou perto de aposentar.

Em um dos questionários, a professora afirmou ter 27 anos de efetivo exercício no Estado e já estar aposentada. E, na Prefeitura de Belo Horizonte, já ter 31 anos de efetivo exercício na ativa. Poderia estar aposentada também na Prefeitura de Belo Horizonte, mas gosta da tarefa de alfabetizar. Está terminando sua carreira na educação infantil, embora seja professora de ensino fundamental. Quero ressaltar com Codo (1999, p. 41 e 42) que:

Ser humano significa ser histórico. Compreender um ser humano implica em partir do pressuposto de que cada gesto e cada palavra estão imediatamente inseridos num contexto muito maior, que transcende a ele e a sua existência. Escrevendo a História de toda a humanidade, todo o passado determina, constrói, reconstrói, explica, significa e re-significa o presente; todo presente engendra, contém e constrói o futuro. Assim, cada ação humana carrega em si toda a História da humanidade e as possibilidades a serem redesenhadas amanhã e é também portadora do futuro. Cada ação humana é uma síntese, ao mesmo tempo, única e universal, do nosso passado e do nosso futuro.

Em relação à questão número 3, referente à realização profissional, percebe-se que o professor, para se sentir realizado, tem que ver a aprendizagem acontecer com seus alunos; e ainda que não se sente valorizado na sua profissão, pois considera o salário baixo.

A grande maioria dos profissionais em educação tem extensão de jornada e há muitos casos de jornada dupla e até tripla, gerando cansaço excessivo ao trabalhador, comprometendo assim a sua saúde.

No caso de estudo desenvolvido pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho da UnB, com os trabalhadores de educação no Brasil, encontramos não só a situação de baixa remuneração mas, principalmente, uma situação de iniquidade entre a remuneração praticada pelos estados para retribuir o trabalho desenvolvido por professores que lecionam para as mesmas séries com mesmo tempo na função e mesmo grau de escolaridade. Foi verificada uma grande dispersão da remuneração paga para os professores.

Um exemplo da iniquidade e dispersão que caracteriza a remuneração paga aos professores de pré e de primeira à quarta série⁴ com segundo grau completo e até 5 anos na função, em um dos Estados, que declararam perceber remuneração que varia de R\$ 50,00 a R\$999,00. Codo (1999, p. 234) destaca que estamos diante

⁴ Lei número 11.274/2006 que regulamenta o ensino fundamental de 9 anos.

de uma categoria profissional que obriga seus trabalhadores a se dedicar a um trabalho para o qual não existe salário.

Outra realidade com a qual nos deparamos é que a grande maioria das professoras é arrimo de família e, por isso é pertinente questionar como sustentar uma família recebendo tão pouco pelo seu trabalho.

A pergunta número 4 revela a educação infantil como uma etapa de maior realização profissional por parte das professoras entrevistadas. A motivação consiste em acreditar trabalhar com a idade em que se começa a formar o ser humano, em conviver com a alegria das crianças, com a vontade de aprender, com o início da alfabetização e com o respeito dedicado ao professor.

Um professor motivado trabalha com alegria e não mede esforços para que seu aluno aprenda. O maior prazer de um professor é ver o resultado do seu trabalho se refletir em seus alunos. O objetivo do trabalho do professor é a aprendizagem dos alunos. Para que a aprendizagem ocorra, muitos fatores são necessários. Capacidade intelectual e vontade de aprender por parte dos alunos, conhecimento e capacidade de transmissão de conteúdos por parte do professor, apoio extraclasse por parte dos pais e tantos outros. Entretanto, existe um que funciona como o grande catalisador: “a afetividade” (CODO,1999, p.50).

Na pergunta número 5, relacionada aos principais problemas enfrentados em sua trajetória profissional, foram listados a falta de parceria com a família, desvalorização profissional, baixos salários, desgaste físico e emocional, extensão de jornada, burocracia, excesso de trabalho, falta de ética, políticas educacionais, crianças abandonadas, crianças que sofreram abuso sexual, tempo e dedicação.

As escolas enfrentam uma série de problemas decorrentes de uma sociedade individualista, competitiva, voltada para o consumo excessivo e sem valores éticos definidos. As famílias demonstram-se inseguras quanto à educação de seus filhos e muitas vezes transferem para a escola esta responsabilidade. Existe uma estatística que comprova que a violência e o abuso contra crianças acontecem em sua maior parte no seio familiar.

De acordo com os dados da SDH (Secretaria de Direitos Humanos), cerca de 70% dos casos de violência contra crianças e adolescentes no Brasil acontece em residências, seja da vítima ou do agressor. Pais e mães são os principais acusados. 170 mil denúncias – cerca de 53% do total – foram contra eles apenas em 2013. (Matéria – Violência doméstica: 70% das crianças vítimas sofrem as agressões em casa. Carolina Mazzi. Do UOL, no Rio 11\03\2014 06h00).

E todas essas questões apresentam-se como demandas a serem tratadas na escola.

A docência como qualquer trabalho humano pode ser analisada inicialmente como uma atividade. Trabalhar é agir num determinado contexto em função de um objetivo, atuando sobre um material qualquer para transformá-lo através do uso de utensílios e técnicas. No mesmo sentido, ensinar é agir na classe e na escola em função da aprendizagem e da socialização dos alunos, atuando sobre sua capacidade de aprender, para educá-los e instruí-los com a ajuda de programas, métodos, livros, exercícios, normas, etc. (TARDIF, 1953, p. 49).

Na questão número 6, referente ao que as professoras mudariam no sistema educacional, estas apresentam a divisão de responsabilidades (família, escola, e aluno), a maior valorização da educação infantil, o fim do assistencialismo exagerado, a melhoria as condições de trabalho e a valorização do professor.

O que temos presenciado hoje na educação infantil da Rede Municipal de Ensino de BH é um assistencialismo exagerado por parte do poder público. A criança e a família só têm direitos e o docente só obrigações.

Além disso, o professor de educação infantil não tem plano de carreira, ganha muito menos que o professor de ensino fundamental e não é valorizado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Por isso há uma migração, através de concursos, muito grande para o ensino fundamental. Bons profissionais deixam a educação infantil, porque querem um salário maior. As lutas sindicais, as greves, as paralisações ainda não foram suficientes para mudar esta situação.

As famílias tratam as unidades de educação infantil ainda como “crecheiras” - um lugar para deixar a criança para então poder fazer o que quiser enquanto o filho está na escola. É claro que não podemos generalizar, mas há muitos casos em que a família delega à escola a obrigação de criar o seu filho.

Considera-se que o professor é mal remunerado e, em muitos casos, apenas com o que ganha não é possível fechar as contas básicas do mês. Ao comparar seu salário ao de seus colegas engenheiros, analistas de sistemas, todos com curso superior como ele, por vezes descobre que é quem ganha menos. Compara seu salário com o de outros funcionários públicos do Estado e constata que está entre os que ganha menos para o seu nível de formação e responsabilidade.

Codo (1999, pag. 340) destaca que, desse modo, o professor não reconhece entre o seu trabalho e o seu salário, uma relação clara entre empenho e

consequência. Ele trabalha, dá aulas com seu colega, que apesar de menos esforçado, ganha mais que ele. Ou, então, trabalha e descobre que o professor da turma ao lado que se dedica mais que ele, se desdobra, leva trabalho para casa, incrivelmente, tem um salário menor que o seu.

De acordo com as respostas obtidas pelas 15 professoras nesse 1º questionário, podemos concluir que as professoras, todas com grande experiência na docência, encontram-se queixosas em relação ao reconhecimento e valorização da profissão. Valorização esta que passa não somente pelo salário, mas pela autonomia, problemas extramuros e divisão das responsabilidades com a comunidade. Reconhecem o campo da educação infantil como o local onde ainda há prazer em ensinar e, pelas crianças, prazer em aprender.

3.2 Questionário II

Diante da intenção de levantar mais precisamente a relação das professoras com a profissão docente e a condição docente, em especial pelo fato de congregarem longa experiência e se encontrarem atualmente na educação infantil, foram elaboradas mais 7 perguntas, as quais serão descritas e analisadas a seguir.

- 1 – Há quanto tempo atua na área da educação?
- 2 – Durante sua atuação, que cargos exerceu no âmbito escolar?
- 3 – Você atuou em quais níveis de ensino da educação básica? Com qual deles mais se identificou? Por quê?
- 4 – O que mais encantou você até o presente momento no exercício do magistério? Algo lhe desencantou? O que?
- 5 – Caso pudesse mudar alguma coisa no sistema educacional, o que mudaria?
- 6 – Que conselhos você daria para uma colega em início de carreira?
- 7 – O que você tem a dizer sobre ser “professor” (a) e sobre a condição “docente”?

Em especial, neste questionário, a quarta pergunta enfoca o tema encanto/desencanto no exercício da docência; a quinta pretende dar voz ao profissional de educação; a sexta solicita conselhos das professoras veteranas para a novata, identificando, com isso, o nível de satisfação das mesmas; e a última pergunta se refere ao assunto principal da pesquisa que é atual dicotomia entre a profissão professor e a condição docente.

Seguem as respostas obtidas a partir do segundo questionário:

O tempo de atuação: dos profissionais varia de 10 a 38 anos.

Os cargos exercidos são: professora de educação infantil, coordenadora, secretária, professor de ensino fundamental, vice – direção, professora de educação de jovens e adultos, diretora, professora de ensino religioso, assessora pedagógica da regional nordeste, membro do centro de educação infantil na SMED.

Atuam nos seguintes níveis de ensino: professor de educação infantil, professor de ensino fundamental. Identificaram-se mais com a educação infantil, pois é o momento da conquista, a melhor fase, é gratificante, por gostar muito, identificação, a idade das crianças, o currículo da educação infantil, a alfabetização. Porque o professor de educação infantil contribui para a formação de hábitos e atitudes.

Os encantos são: a criança, a curiosidade, a vontade de aprender, a afetividade da criança, o interesse da criança em aprender, a formação de opiniões, a esperança, a alegria, espontaneidade, vínculo com as crianças, resultado do trabalho, alfabetização.

Os encantos de acordo com grupo pesquisado são as reações que as crianças demonstram na construção do saber. Saber este que gera autonomia e capacidade de se expressar nas múltiplas linguagens da educação infantil.

Os desencantos são: a omissão da família, a burocracia, o assistencialismo, a falta do plano de carreira do educador infantil, os baixos salários, classe desunida, negligência da família, desvalorização do profissional, falta de responsabilidade e compromisso da família com os filhos, desesperança, sistema educacional, vícios do sistema, disputa de poder, desrespeito com o professor, crianças dominando os pais, postura dos adultos, falta de ética.

Os desencantos são, de acordo com o grupo pesquisado, relações que não envolvem diretamente as crianças e sua relação com o saber no processo ensino/aprendizagem. Envolvem fatores externos e que minam o interesse e a motivação do profissional em educação.

O que mudariam no sistema educacional: o caráter assistencialista exagerado, colocaria cada servidor no seu devido lugar, aumentaria as condições de estudo para o professor, melhoria de salário, valorização do professor. Diminuiria o número de alunos por professor, consciência política, intensão, a grade curricular, o

espaço físico, estrutura das salas de aula, compromisso da família, democracia verdadeira, sistema de cotas.

É claro que este grupo está descontente com o sistema educacional e as mudanças que fariam vão desde os fatores externos quanto internos que são inerentes ao dia a dia de uma escola.

Conselhos para um colega no início de carreira: compromisso, amor pela profissão, atualização, formação continuada, amor, respeito pela criança, saber ouvir a criança, profissionalismo, gostar e acreditar na educação, preparar-se física e emocionalmente para presenciar a decadência do ser humano como um todo, força, mudança de profissão, coragem, dedicação, competência, compreensão, paciência, sinceridade.

Os conselhos são lindos no que se refere à profissão. Surgem algumas palavras duras, mas prevalece o positivo, considerando que o grupo em questão tem vários anos de atuação na educação.

Ser professor / condição docente: gratificante, inovar, criar, amor à profissão, formar valores e transformar a realidade de cada criança, aprender a cada dia, ensinar e aprender todo dia; / reconhecimento e valorização do profissional, a sociedade não respeita a docência, professor como disciplinário, salário baixo, falta de recursos tecnológicos, bom ser professor, condição docente é maçante, , desvalorização dos docentes, formação continuada, coragem, competência, dedicação, docência não me faz bem, pois professor é interação, compreender as diferenças e saber lidar com elas, saber os limites de cada um.

Professor= mestre. Docente= título. Nem sempre um docente é um professor.

De acordo com as respostas, fica visível os elementos que envolvem o desejo do professor, aquilo que o chama para essa profissão e, em contrapartida, a realidade que coloca em cheque esse desejo.

Foram entrevistadas 15 professoras no primeiro e no segundo questionário. São professoras em exercício da função na Escola Municipal Francisco Azevedo, situada no bairro União na Regional Nordeste – Belo Horizonte. A maioria destas professoras são do ensino fundamental e fizeram opção pela educação infantil em 1999.

Apesar dos fatos, percebe-se ainda professores que encontram formas de fazer valer seu desejo de educar. Em meio ao caos que estamos mergulhados ainda

se consegue construir algo de belo, que é a construção do humano através da educação.

Só que a grande maioria delas é professora do Ensino fundamental e fizeram opção pela educação infantil. Muitas são professoras municipais de educação infantil e há diferença nesses salários. Trabalham lado a lado, empenham-se no mesmo ofício e recebem remuneração 3 vezes menor que a colega do lado. Por que se sujeitar a isso em um mundo em que o valor monetário é o principal? Uma conclusão possível, a partir dos questionários, é que a idade das crianças na educação infantil ainda é uma idade em que querem aprender e de fato aprendem.

Um professor quer ensinar e é nesta etapa escolar que se está conseguindo fazer isso, então é lá que ele fica. O encanto se constitui em ensinar e o desencanto é a desvalorização do profissional.

Enquanto profissional, o professor sabe que é desvalorizado, mas o cumprir a sua função o faz suportar este desencanto. Afinal, a vida do ser humano é um desaguar de encantos e desencantos. E neste grupo específico o encanto supera o desencanto.

4. PROFISSÃO DOCENTE X CONDIÇÃO DOCENTE

A condição docente foi referida por uma professora como sendo um “título” e o ser professor como sendo um “mestre”. Percebo que nem todos que são professores exercem de fato a função de ensinar e que ser mestre é para poucos. Considero o mestre aquele que alcança a alma de quem ensina e o professor se limita à mera transmissão de conteúdo. Como o processo ensino/aprendizagem envolve seres humanos, tanto de um lado quanto de outro, é necessário que a comunicação seja perfeita para de fato conseguir uma boa aprendizagem. E como o ser humano é corpo e alma, no meu entender, temos que ensiná-lo por completo, ou seja, não basta apenas a mente entender porém a alma tem que compreender.

Posso estar sendo poética nesta afirmação, mas é assim que penso. E também sei como é difícil alcançar este estado completo do ofício, pois não depende apenas do professor, mas também de quem é ensinado, da compreensão da família,

da direção, enfim de uma série de fatores que muitas das vezes não entendem onde queremos chegar. Identifico alguns modismos em educação e tantas outras questões que às vezes nos impedem de realizarmos a obra completa, mas isto também faz parte do processo.

O docente é um trabalhador e como tal recebe salário, tem direitos e deveres e a realização do seu trabalho se vê a longo prazo. Como minha formação acadêmica data dos anos 80, vou me reportar a uma frase muito frequente em nossas rodas de debates: “A escola funciona como aparelho reprodutor das classes sociais”. Infelizmente, depois de anos de atuação, concluo que funciona mesmo e o máximo que um filho de operário pode ser é como no meu caso, professora. Uma professora mal remunerada e depois de anos de atuação sem nenhum valor, mas tenho claro para mim que fui responsável, correta e capaz em tudo que me propus a fazer.

Fundamentalmente, o ensino é visto como uma ocupação secundária ou periférica em relação ao trabalho material e produtivo. A docência e seus agentes ficam nisso subordinados à esfera da produção, porque sua missão primeira é preparar os filhos dos trabalhadores para o mercado de trabalho. O tempo de aprender não tem valor por si mesmo; é simplesmente uma preparação para a “verdadeira vida”, ou seja, o trabalho produtivo, ao passo que, comparativamente a escolarização é dispendiosa, improdutiva ou, quando muito, reprodutiva. (TARDIF; LESSARD, 2008, p.17)

A minha geração foi preparada para o trabalho e para servir aos meios de produção. Porém fico pensando: e esta geração que estamos educando? Está sendo preparada para ser o quê, quando crescer? Ao que tudo indica, sem preparo para o mundo que os espera, pois o assistencialismo por parte do poder público tem dado o peixe e não está ensinando a pescar. O aluno só tem direitos e em um país democrático, há direitos e deveres para todos. Como aprenderão o dever se só o direito lhes é ensinado?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber nestes questionários, a partir de suas respostas, que mesmo após muitos anos no exercício da docência, o que toda professora quer é ensinar. A opção da maioria delas pela educação infantil reside no fato de que nesta fase a criança ainda tem demonstrado interesse em aprender. E esse interesse

parece superar os desinteresses despendidos à profissão por boa parte da sociedade.

Meu estudo passou pela leitura do que é a Síndrome de Burnout e me detive em um estudo de Codo (1999); ele pesquisou a chamada síndrome de desistência do educador, o *burnout*, termo inglês que significa algo como perder o fogo, perder a energia. Para o autor, esta síndrome afeta frontalmente os professores e constitui o principal problema dos profissionais da educação. O *burnout* surge quando o professor esgota seus recursos pessoais ou estes são insignificantes para atender ao excesso de demandas existentes nas escolas.

A esses docentes faltam estratégias de enfrentamento das situações do cotidiano escolar. No referido estudo, o autor enfoca desde os determinantes macroeconômicos até os conflitos mais sujeitos que são apontados como causa do adoecimento do professor.

Porém, o grupo específico que respondeu ao questionário enfrenta problemas de ordem pessoal, emocional, social e até mesmo advindos das decepções decorrentes do ofício de ensinar. Eu as percebo como lutadoras, pois insistem em vencer no seu trabalho, fazendo a opção pela base da educação básica, porque é nesse ponto que se sentem úteis.

Arendt (2003) discute a crise social e familiar e o papel da escola na conservação da tradição como forma de amenizar os efeitos dessa crise em nossas crianças. A autora considera que há um papel de conservação da tradição que a escola deve exercer. Para ela, cabe a função de proporcionar aos alunos acesso aos conhecimentos que estes não têm e, neste aprendizado, há um componente de preservação do mundo.

A autora segue afirmando que o lugar de proteção da criança é a família, onde os membros adultos se recolhem à segurança da vida privada entre quatro paredes. E para a autora, o educador está em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir a responsabilidade. Esta responsabilidade não é imposta arbitrariamente aos educadores, ela está implícita no fato de que os jovens são introduzidos por adultos em um mundo em contínua mudança. E afirma que qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e até mesmo deveria ser proibida de tomar parte em sua educação (ARENDR, 2003, p.239).

As professoras que fizeram parte deste trabalho têm bem claro que estão contribuindo no caráter dos pequenos, para inseri-los em um mundo do qual fazem parte e, no futuro, irão interferir com suas ações; tanto para a construção de um mundo melhor ou pior, dependendo de suas escolhas que serão firmadas no conhecimento que eles terão de mundo. O papel social do professor é inegável, a construção do humano se faz pelo humano.

De acordo com Nóvoa (1999), lê-se que os valores que sustentavam a profissão docente caíram em desuso em virtude da evolução social e da mudança nos sistemas educativos. Para o autor, os ideais da educação necessitam ser reexaminados, já que o velho modelo não serve mais à ação pedagógica e nem à profissão docente. E acrescenta que os professores se veem em um enorme conflito, pois necessitam refazer suas identidades. Para ele, é necessário aderir a novos valores, pois o que poderá contribuir para o fazer pedagógico é justamente uma reflexão crítica sobre a função do professor.

Penso que devemos nos mobilizar para discutir não só a educação e o papel do professor, mas que nova sociedade queremos formar. Que estamos caminhando para algo novo é notório a todos nós, uma sociedade sem regras claras e com muitas pessoas que pouco sabem como agir diante de situações novas.

Os papéis dos envolvidos no processo educacional devem ser bem definidos, como respondeu ao questionário uma determinada professora; o poder público precisa entender que educação não é bandeira política, todos precisam se voltar para definições do que se quer e onde se quer chegar.

Quanto aos encantos e desencantos no exercício da docência, podemos perceber que o encanto maior é ensinar e ver o aprendizado acontecer e o desencanto maior é a desvalorização do professor, os baixos salários e a desvalorização da educação infantil

Ao finalizar esta pesquisa, concluo que o ofício do professor causa-lhe satisfação quando ele obtém o resultado do seu trabalho, que no caso é a aprendizagem das crianças. E o exercício da docência, no decorrer do percurso, vai minando o seu interesse como um dos atores do processo ensino/aprendizagem; e que seu maior desencanto é a desvalorização do seu trabalho. Desvalorização essa que perpassa pelas políticas públicas de educação, baixos salários, a não

valorização da educação infantil como base da educação básica e a falta de apoio das famílias numa fase tão importante no desenvolvimento das crianças.

Enquanto pesquisadora, concluo que há uma certa poesia em ensinar e aprender, o que faz um professor se sentir mais humano é poder auxiliar o outro a compreender a vida que nos move. Mesmo onde não há espaço, o desejo encontra lugar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIR, Rosana M. R; ALMEIDA, Sandra F.C. *Professores sobre pressão: Sofrimento e mal estar na educação*. An6 Col.LEPSI IP/FE-USP 2006

ALBERT, S. e WHETTEN, D. A. *Organizational identity*. In : CUMMINGS, L.L. e STAW, B. M.(Eds), *Research in Organizational Behaviour*, v. 7, pp. 263-295, Greenwich, CT: JAI Press, 1985.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BARRETO, Alcyrus Vieira Pinto; HONORATO, Cezar de Freitas. *Manual de sobrevivência na selva acadêmica*. Rio de Janeiro: Objeto Direto, 1998.

CODO, Wanderley. *Educação: Carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 3.ed.rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 1992, 224p.

MASLACH, C.E JACKSON, S. *The Measurement of Experienced Burnout*. *Journal of Occupational Behavior*, 1981.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NOVOA, A.(Org). *Profissão Professor*. Lisboa: Porto Editora, 1999.

QUINET, A. *A descoberta do inconsciente. Do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: J.Zahar Editor, 2003

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claudio. *O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Tradução de João Batista Kreuch. 4 ed-Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

TENTI FANFANI, E. *La condicione docente: análisis comparado de La Argentina, Brasil, Perú y Uruguay*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005

TENTI FANFANI, E. *El arte de buen maestro: ensayos sobre El oficio Del maestro y El Estado educador: ensayo sobre su génesis y desarrollo em México*. México: Pax-México, 1999

OUTRAS FONTES

Matéria – Violência doméstica: 70% das crianças vítimas sofrem as agressões em casa. Carolina Mazzi. Do UOL, no Rio 11\03\2014 06h00).